Brinquedos Indígenas

Elisângela Araújo Siqueira da Silva

Inseridos em todas as culturas infantis estão os brinquedos e brincadeiras. A dimensão lúdica em geral fica determinada culturalmente para um período ou fase da vida considerando suas utilidades e funcionalidades no crescimento do sujeito. O brinquedo nesta perspectiva ainda pode assumir um papel de mero passatempo e perder o seu sentido de benefícios na brincadeira, como conhecer o funcionamento do próprio corpo, dividir brinquedos com o próximo, criar regras e solucionar problemas. A dimensão lúdica do brincar ainda encontra outros fatores temporais, lemos:

> Em sociedades industriais, nas quais nos incluímos, a organização da vida social e individual está marcada pela disciplina do trabalho, e a dimensão lúdica engendrada pelos jogos e brincadeiras está de certa forma, restrita aos tempos de não trabalho julgados mais adequados: tempo livre das obrigações para o lazer, tempo extraescolar na infância e na juventude, tempo de descanso na aposentadoria, entre outros (MIRANDA, 2010, p. 9-12).

A oferta do brincar em diferentes tempos e com os brinquedos de diferentes culturas implica na ação humana de interagir com seus corpos, espaços e inventividades. No entanto os incansáveis apelos mercadológicos e a relação de consumo industrial, na qual as crianças são diariamente expostas, pode ser vista com frequência nos brinquedos, materiais e vestuários de personagens globalizados.

A escola não é neutra

Problematizar as referências constituídas culturalmente nos espaços educacionais compete inicialmente ao Projeto Político Pedagógico. Promover a formação e o fortalecimento da identidade individual e coletiva das crianças na sua relação histórica com guerreiros e guerreiras ancestrais dos povos primários se faz na proposta politica de valorizar e manter viva a herança imaterial de um povo que vive e carrega tantas histórias de seus antepassados, quanto as suas contemporâneas de lutas e resistência. São narrativas de saberes que o colonizador não registrou. Descolonizar os saberes, um grito que a escola deve ecoar desde a infância em seu cotidiano curricular.

O lugar onde se aprende a conduzir a existência, considerando os interesses coletivos de investigação, descobertas e conhecimento de mundo pressupõe compromisso, assim a proposta de trabalho pedagógico parte da certeza de que estas crianças estarão mais motivadas a utilizar diferentes materiais para a criação de seus brinquedos e brincadeiras promovendo o rompimento do ciclo consumista.

Amparados pelas pesquisas e parcerias decidimos desbravar este caminho criativo do brincar. Os brinquedos indígenas, a literatura Guarani e o Grafismo foram norteando a ampliação do repertório criativo de um grupo de crianças de cinco anos da turma *infantil IID* na EMEI Luís da Câmara Cascudo pelo período de cinco meses.

O desafio da descolonização

Como educadora da turma, avancei as pesquisas nas leituras de diferentes narrativas indígenas disponíveis em registros literários, pesquisas da etnologia Guarani e visitas à comunidade Guarani de *Tenondé Porã* e *Krukutu*. A colaboração nesse estudo veio do professor Passaty que atuou com os Guaranis *MôBya* em 2002 e que compôs o Grupo de Trabalho das implementações das escolas CECIs atuando também como indigenista. Em sua fala, Passaty relembra as palavras de KRENAK (1999), ña maneira de acessar conhecimento nas tradições indígenas é vivendo, e não estudando. As histórias só podem ser contadas por quem as viveuò.

A partir desta descoberta foi possível planejar por diferentes linguagens as experiências interculturais como, por exemplo, a plasticidade da modelagem com diferentes suportes e objetos para furar, cortar, enrolar, amarrar, costurar, pendurar e articular. Ações de fomento cultural na produção de brinquedos aproximaram as infâncias não indígenas de indígenas. As leituras, experimentações culinárias, vídeos da Fundação *Catitu*, a música Guarani incluindo o rap, as artes/artesanatos e telas fortaleceram a pesquisa temática com a turma.

O parque de terra e gramado localizado na parte de trás da escola ganhou espaço para brincadeiras com lama, gravetos, folhas, pedrinhas numa espécie de quintal, fazendo recordar as poesias de Manoel de Barros (2015).

Literatura Guarani e seus desdobramentos

A mitologia indígena e as histórias sobre a cultura de diferentes etnias costurou toda proposta de pesquisa. O livro de grande repercussão nos diálogos da turma foi *KUNUMI* Guarani, o primeiro livro do menino guarani *Werá Jeguaka Mirim*. Ele conta numa linguagem de infância onde fica a aldeia, como é sua casa, suas brincadeiras preferidas e como é seu dia a dia, rompendo através do texto e das imagens com os estereótipos sobre sua cultura. A turma cria um afeto particular pelo escritor e pela sua obra.

O professor Passaty em visita à turma apresenta seu acervo de mais de cem brinquedos e objetos indígenas para as crianças. Seu lugar de fala atuante nas comunidades guaranis lhe dá um repertório extenso da cultura e proporciona uma interação lúdica ao intermediar os brincares das diferentes infâncias

Provoca e desafia as crianças a interagirem com as bonecas Guarani e *Karajá*, promovendo encantamento, curiosidades, levantamentos de hipóteses e envolvimento das famílias. Kauan, uma das crianças da turma, diz ñmas não é boneca não é cocoò, propondo desafios de construção do pensamento imaginativo.

A boneca da etnia *Karajá* é observada por algumas crianças que curiosas questionam a pintura de vermelho e referem-se a ela como ñtatuagem de bonecaò. É proposto em outra etapa que pesquisem nos livros da temática expostos na sala: o Grafismo Indígena.

Brinquedos inventivos

O contato com brinquedos indígenas mudou o cenário consumista de exclusão e deu lugar a priorização de partilhas de ideias e criações brincantes sem a demarcação da temporalidade estipulada ï o tempo.

ñFábrica de brinquedosò é o termo criado pela turma e faz parte da rotina tal como horário do parque ou almoço. Desta fábrica, subversiva surgem as criações inventivas produzidas e nomeadas pelas crianças. Dentre algumas recentes temos: ñSugador de sangueò, ñFlecha *boomerang*ò, ñPulseira de marteloò, ñLagarta comedoraò, ñHelicóptero carregadorò, ñPotinhos de coisaò, ñAranhãoò, ñCobra no palitoò, ñCorrente de dente azulò, ñBoca de molaò, ñPeixinho verdeò, ñAgarra bolinhaò, òPotinhos de Médicoò e ñCestinha de frutasò.

Quando as crianças percebem que os brinquedos de plástico quebram e não se reciclam, virando quase sempre lixo enquanto que os brinquedos produzidos culturalmente pelas famílias indígenas são perecíveis porem alimentam uma educação sustentável e deixam marcas inventivas, o perfil dos brinquedos que trazem para a escola muda e muta. Então aparecem com bichinhos, folhas e flores pequenas, potinhos, coleções de pinturas e outros que percebo como mudança sutil de produções de infância. Já é possível concluir que a diferença entre plásticos e elementos naturais nos brinquedos assume um papel ainda mais importante no reconhecimento das identidades culturais

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior de que o mundo: Antologia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses**. Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

KRENAK, Ailton **ñO Eterno Retorno do Encontroò** foi publicada anteriormente em: Novaes, Adauto (org.), A Outra Margem do Ocidente, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999.

MALEK, Nader R. Abdel. **Consumo infantil de brinquedos: um múltiplo olhar.** Pedro Leopoldo: FPL, 2012.

MIRANDA, Danilo Santos. **Um olhar sobre a brincadeira no Alto Xingu**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MIRIM, Wera Jeguaka**. Kunumi Guarani**. São Paulo: Panda Books, 2018.

Prêmio culturas indígenas: edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC SP, 2008.

São Paulo: Editora Panda Books, 2014. SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infanti**l. São Paulo: SME/COPED, 2019.